

Antonia Juliete Pereira Pinto y Jorge Luís de Oliveira  
Gomes

## Marx e a religião: uma crítica moderna à realidade social

**RESUMO:** O trabalho analisa a crítica da religião enquanto uma crítica da realidade social na modernidade a partir do pensamento do filósofo Karl Marx. Sendo que a religião não é um produto que existe por si mesma, mas um fenômeno advindo da sociedade. Para Marx, a persistência da religião, tanto na esfera pública como no âmbito privado, se explica a partir das condições materiais de existência da sociedade. Assim, a crítica marxiana da religião é uma análise da sociedade burguesa que submete o indivíduo a uma vida de grilhões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Karl Marx; Crítica da religião; Realidade social.

### Marx and religion: a modern criticism to social reality

**ABSTRACT:** The work analyzes the critique of religion as a critique of social reality in modernity based on the thought of the philosopher Karl Marx. Since religion is not a product that exists by itself, but a phenomenon arising from society. For Marx, the persistence of religion, both in the public and private spheres, is explained by the material conditions of society's existence. Thus, the Marxian critique of religion is an analysis of bourgeois society that subjects the individual to a life of fetters.

**KEYWORDS:** Karl Marx; Criticism of Religion; Social Reality.

---

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-junio-2021

### Introdução

O artigo investiga a crítica da religião enquanto uma crítica da realidade moderna no pensamento de Karl Marx (1818-1883). O filósofo viveu em uma época em que o debate intelectual em torno da religião era latente e bastante agitado por discussões sobre a realidade política e social alemã. A religião ocupava um lugar de destaque entre esses espaços públicos, visto que o Estado era cristão. Isso fez com que a religião recebesse fortes críticas dos neohegelianos (Feuerbach, os irmãos Bauer e entre outros), tornando-se alvo de

► **Antonia Juliete Pereira Pinto, Jorge Luís de Oliveira Gomes**, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil.  
**Autor de correspondência:** (✉) julietepereira19@outlook.com — (iD) <https://orcid.org/0000-0002-4568-6355>.

controvérsias políticas para a construção de críticas direcionadas à filosofia hegeliana.

Essa análise filosófica do hegelianismo também se traduzia em uma crítica direta e oposição ao governo prussiano, por legitimar como sua política esse pensamento que se revestia de religião. Diante dessas conjunturas, as ponderações críticas de Marx sobre o fenômeno religioso ganham sustentação.

A partir do pensamento marxiano, a religião é analisada enquanto um aparato social, que se explica a partir das condições materiais de existência da sociedade burguesa moderna. Entretanto, não existe no pensamento do autor uma elaboração detida acerca da religião em si, na verdade, o que existe é uma crítica atrelada à realidade material, que constitui a própria base desse fenômeno.

O artigo se estrutura, além da introdução e das considerações finais, em dois tópicos: o primeiro trata-se de apresentar a religião enquanto um fenômeno oriundo das condições materiais de existência, um processo social. Em seguida, no segundo tópico, buscamos entender que a crítica de Marx à religião é na realidade uma crítica da sociedade burguesa que faz o indivíduo se perder de si mesmo, condicionando-o a viver em um mundo de miséria.

A pesquisa não tem o intuito de apresentar ideias fechadas e decisivas, mas contribuir academicamente com o debate em questão. Discussões essas, que possibilitam também refletir sobre a contemporaneidade.

### **Religião e condições materiais de existência**

A abordagem de Marx sobre a religião visa analisar os problemas sociais e políticos. O sagrado é um fenômeno advindo das contradições do sistema capitalista que surgem da burguesia. Isto é, não é confrontando diretamente a religião que a desvelaremos, mas por meio do desvelamento das suas raízes concretas e materiais, que descobriremos o seu mistério. Como tal, o fenômeno religioso só pode ser compreendido adequadamente, no pensamento de Marx, a partir das relações sociais que a engendram.

O modo marxiano de análise, discute esse fenômeno como um procedimento social e político, fazendo de sua abordagem uma inovação para a sua época. Marx inaugura uma forma original de se pensar a realidade material e suas relações de produção. O filósofo percebe que o sagrado não é apenas uma discussão teológica, mas, sim, uma esfera que tem um forte papel na sociedade.

O que significa que carece de uma análise mais efetiva, fundamentada nas condições materiais, sociais e políticas.

A religião é uma consciência social, apesar de ser uma «consciência invertida do mundo» (Marx 2013, p. 151). É ideológica por representar as ideias e os anseios de um determinado momento histórico. Como forma de consciência, ela também está condicionada pelas relações materiais de produção, que influenciam o modo como os indivíduos se comportam na sociedade.

O fenômeno religioso só pode ser compreendido, na filosofia marxiana, a partir da realidade material do ser humano, não pode ser entendido se for analisado em si mesmo, mas apenas na sua relação com as condições políticas e econômicas dos indivíduos. Isso pode ser percebido na *Zur Kritik der hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung* (1843-44), quando Marx lança a seguinte afirmação:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o estado, a sociedade. Esse estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida* do mundo, porque eles são um *mundo invertido* (Marx 2005, p. 151).

A base da religião se encontra no mundo profano e analisá-la se faz necessário para entendermos, pelo menos de modo parcial, a realidade concreta dos homens. Ao longo da construção do seu pensamento em suas obras, no debate travado com a filosofia hegeliana e o arcabouço da política clássica, Marx apresenta essa constituição das condições materiais de existência. Isso ocorre quando se defronta com a filosofia moderna alemã de Hegel e dos hegelianos de esquerda. Essas condições materiais são as questões políticas e o limite do Estado burguês.

Na estrutura do Estado burguês é encontrada a motivação para o divino. Embora o Estado se legitime como laico, ele continua limitado, sendo denunciado pela própria vivacidade religiosa, que se mostra imbuída na política, na educação, na economia, na cultura etc. Em outras palavras, a presença da religião enquanto um fator político representa uma carência humana, a existência de um defeito que pode ser buscado nessa realidade mundana economicamente burguesa.

[...] A existência da religião é a existência de uma carência, a fonte dessa carência só pode ser procurada na *essência* do próprio Estado. Para nós, a religião não é mais a *razão*, mas apenas o *fenômeno* da limitação mundana. Em conseqüência, explicamos o envolvimento religioso dos cidadãos livres a partir do seu envolvimento secular. Não afirmamos que eles devam primeiro suprimir as limitações religiosas para depois suprimir suas limitações seculares. Afirmamos, isto sim, que eles suprimem sua limitação religiosa no momento em que suprimem suas barreiras seculares. Não transformamos as questões mundanas em questões teológicas. Transformamos as questões teológicas em questões mundanas. Tendo a história sido, por tempo suficiente, dissolvida em superstições, passamos agora a dissolver a superstição em história (Marx 2010, p. 38).

Marx entende que as relações sociais, como a política, a economia, não são dissociadas do modo de produção da sociedade civil moderna. Ou seja, esta sociedade civil é «a forma de intercâmbio, condicionada pelas forças de produção existentes em todos os estágios históricos precedentes e que, por seu turno, as condiciona» (Marx 2007, p. 39). Ela se descreve como a união do intercâmbio material entre as pessoas em que essa troca se denomina como fundamento da política e do Estado. Para o filósofo, discussões que não tratam de relações reais em meio à realidade material estão equivocadas. «Aqui já se mostra que essa sociedade civil é o verdadeiro foco e cenário de toda a história, e quão absurda é a concepção histórica anterior que descuidava das relações reais, limitando-se às pomposas ações dos príncipes e dos Estados» (Marx 2007, p. 39).

Por esta razão as relações sociais estão implicadas com a materialidade. A religião, por sua vez, não é algo alheio a essa realidade, ela está imbuída nessas mesmas relações. A análise da religião, elaborada por Marx, é uma crítica direcionada a realidade social, a política e a economia. É antes uma discussão ao mundo profano, que produz o sagrado e a torna persistente na sociedade. Um mundo determinado pela produção material, que se reveste de religiosidade, por exemplo, no Estado, na ideia de que ele é um guardião protetor, uma totalidade ou/e algo eterno.

A religião é um reflexo deformado da realidade humana, uma expressão distorcida de um mundo já distorcido, que na procura de sua essência encontraremos na análise da estrutura da sociedade e de suas relações de produção. Portanto, a crítica à religião é a premissa para entendermos como a

realidade se apresenta, é a condição preliminar, pois ao criticá-la, estamos, de fato, criticando a realidade social da qual ela nasce.

### **Crítica à religião como crítica social**

Tendo visto, no tópico acima, a religião enquanto um produto social, onde a crítica marxiana sobre esse fenômeno se refere, na verdade uma análise da realidade material. Passamos, neste item, analisar as discussões de Marx sobre a crítica da religião como intuito de desvelar o sistema capitalista, que valoriza o mundo das coisas acima da própria humanidade, que o explora e faz se perder de si mesmo na medida em que o submete a normatizar viver uma vida de grilhões.

A crítica tenta revelar a realidade que vive o ser humano, onde a religião mostra indiretamente a vida de miséria. Para Marx, a religião é um sintoma, um mundo distorcido, porque esse mesmo mundo concreto distorce a essência humana. O sagrado está ancorado na construção histórica, bem como na atividade material e de suas relações sociais estabelecidas. Uma consciência invertida desse mundo e um reflexo das condições inumanas, pois, o mundo material do qual o indivíduo se encontra também está invertido.

Em outros termos, é um reflexo que mostra indiretamente como a realidade de uma sociedade se revela. O que representa as ideias e os anseios de uma população em um determinado tempo da história.

Quando a religião diz ao homem que ele deve suportar sua condição de sofrimento, de miséria, ela, na verdade, não está olhando para a vida real dos indivíduos, não está preocupada com o seu sofrimento real, mas, ao contrário, cria uma especulação teológica em torno da condição de vida dos homens ao afirmar que o sofrimento terreno é a garantia da felicidade eterna por meio da purgação dos pecados (Oliveira 2017, p. 74).

Ao dizer que o indivíduo deve suportar suas condições de sofrimento, a religião se mostra como uma inversão, fazendo com que se acalme e aceite as injustiças impostas pela burguesia. Essa conformação é necessária para a religião, como se fosse uma purificação do ser para atingir a felicidade eterna.

A religião utilizada enquanto um fator político é uma distorção que reflete esse mundo invertido. O homem que deveria lutar para superar essas condições de misérias, está dominado pelo processo de produção, que é imposto por meio do capitalismo, que valoriza o mundo das coisas na medida em que desvaloriza

o ser humano. Quando, na verdade, o próprio homem deveria dominar o processo de produção e não o contrário. Agora está sujeito à ideia de que essas humilhações nada mais são do que provas, onde a religião o aconselha indiretamente a não ir ao encontro das situações de infortúnios vividas por ele, podendo até mesmo renunciar-se em nome de um por vir melhor.

Nesse sentido, o sagrado apresenta-se como um «ópio do povo», pois ao corroborar no homem a concepção ilusória de que a vida terrena não é a sua verdadeira vida, mas uma vida de remissão dos pecados e, por esta razão, deve ser um momento de buscar, através da convivência com Deus, um mundo celestial para alcançar a vida eterna. A religião acaba criando no homem uma consciência conformada, um sentimento de resignação social diante desse mundo que constrói suas mazelas, contribuindo ainda mais na continuação desse sofrimento (embora não são todas as religiões que se apresente como ópio, mas aquelas dogmáticas, que possam ter vínculos com o Estado).

A religião utilizada pelo Estado auxilia na perpetuação do sistema capitalista na sociedade, quando faz o indivíduo se preocupar com a vida no além, no qual sua vida terrena deve ser vivida apenas em função dessa outra. Por isso, sua pregação de resignação cria uma consciência alienada, distorcendo a concepção humana da realidade.

No entanto, como forma de consciência invertida, a religião carrega em si toda uma premissa da existência humana, mostrando-se como uma expressão, embora inversa do mundo, é o grito contra essa vida real de miséria, pois ela é a realização da essência humana que «constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real» (Marx 2013, p. 151).

Como expressão da miséria real, a religião aparece como uma forma de se perceber e se explicar no mundo, mas ao emergir como essa visão de mundo, legitima a ordem social vigente. Corroborando para que o homem pense que todo sofrimento e desamparo que lhe foi cometido, podem ser justificáveis pela determinação de Deus. Para Marx, a religião se mostra como expressão do desamparo real humano, visto que alega esse desamparo imposto pela sociedade, que o explora e não o valoriza é desejado por Deus.

Como protesto contra essa miséria real, a religião mostra através do seu discurso as mazelas cometidas ao ser humano pela sociedade capitalista. Essa discordância é feita de forma indireta pelos indivíduos, por meio das suas

orações, quando rogam por uma vida melhor, um mundo mais digno e justo. No entanto, esse modo de protesto acontece de maneira impotente, um obstáculo que inviabiliza restabelecer sua consciência da condição inumana e da situação social em que ele vive (isso nem sempre significa dizer que a religião, de um modo geral, não possa vir contribuir com a liberdade humana).

Marx ressalta que «a religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e justificação» (Marx 2013, p. 151). Representando um fator da contradição do Estado, isto é, quando o sujeito reza, faz suas orações, está ao mesmo tempo desvelando a sociedade desigual, opressora e acusando a não garantia da sua liberdade pelo Estado. Apesar de corroborar na permanência das desigualdades sociais, encobre as injustiças da sociedade burguesa que explora o homem pelo homem.

Assim, a religião é [...] um instrumento que não permite que os homens tomem consciência de sua verdadeira situação, fazendo com que estes passem a se preocupar basicamente com o outro mundo (o céu, o paraíso, o inferno, etc.) e encarem a opressão e exploração pelas as quais passam aqui neste mundo (terra), como algo natural, vontade divina, pagamento dos pecados anteriores, expiação que é necessária para se alcançar o reino de Deus e não como fruto de um processo histórico-social (Santos 2008, p. 45).

A religião revela a insuficiência do Estado, já que ela não é um problema teológico, mas uma condição social. Sua vivacidade expressa a ineficiência do Estado burguês para a efetivação da garantia dos direitos aos indivíduos. A intensa procura pelo sagrado cresce porque o Estado burguês não garante os direitos humanos, e as pessoas veem a religião como um meio de encontrar a solução para seus sofrimentos.

A partir da interpretação marxiana, a presença da religião entre os espaços públicos, é uma expressão das contradições e desigualdades da burguesia, que explora e oprime o ser humano. Vale ressaltar, que a crítica à religião não remete a ela mesma enquanto um fenômeno em si, particularizado. Isso deve ser respeitado. Sua crítica se direciona ao Estado que se reveste de religiosidade, um Estado que não promove uma real liberdade, mas, sim, um mundo opressor.

Portanto, a religião no pensamento de Marx, constitui um forte papel na sociedade, enquanto um reflexo que mostra um problema estrutural dessa civilização, revelando a situação do ser humano na relação com seu mundo. Este se encontra deformado, fragmentado e alienado.

## Conclusão

A análise chega à seguinte interpretação: a crítica marxiana tinha como prioridade desvelar o mundo profano, que aprisiona o indivíduo moderno em uma vida de exploração, e revelar a importância de efetivar a verdadeira emancipação. A liberdade concreta está no homem voltar a si mesmo, consciente da historicidade da sua vida.

Portanto, as discussões de Marx sobre a crítica da religião enquanto uma crítica da realidade material, também possibilita uma análise das estruturas sociais nos dias atuais, uma vez que não existe uma efetiva emancipação plena. Pelo contrário, o indivíduo contemporâneo é aquele que tem medo, se encontra desamparado; não compreende o sentido de sua existência; este mesmo homem também continua em uma sociedade burguesa, onde os seus produtos materiais se sobrepõem e o fazem viver alienado de si mesmo.

Situações essas, que nos permitem indagar sobre a sociedade atual e ficará para refletirmos a realidade contemporânea: será que o indivíduo vivencia uma liberdade ou um mundo de grilhões? A humanidade alcançou uma real emancipação ou persiste em mundo injusto, explorador e opressor? Karl Marx ainda tem muito a dizer sobre o sistema capitalista, que corrobora uma vida estranhada e de fetichismo. Temas bastante atuantes no mundo hoje.

## Agradecimentos

O artigo é resultado de estudos que vêm sendo desenvolvidos ao longo desses anos. Somos gratos a FUNCAP e ao Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

**Conflito de interesses:** Os autores não têm conflito de interesses. **Aprobación del comité de ética y consentimiento informado:** No es aplicable a este estudio. **Contribución de cada autor:** A.J.P.P desenvolveu as ideias, a estrutura e escreveu o artigo. J.L.O.G. realizou as investigações bibliográficas e a correção do artigo. Ambos aprovaram o artigo final. **Contacto:** Para consultas devem dirigir-se a: (✉) julietepereira19@outlook.com.



## Referências

- Marx, Karl. (1982). *Zu Kritik der hegelschen Rechtsphilosophie*. Berlin: Dietz Verlag. [Trad. cast.: *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Trad. de Rubens Enderle e Leornado de Deus. São Paulo: Boitempo, 2013].
- Marx, Karl. (1976). *Zur Judenfrage*. Berlin, Karl Dietz. [Trad. cast.: *Sobre a Questão Judaica*. Trad. de Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010].
- Marx, Karl.; Engels, Friedrich (1969). *Die deutsche: Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. Berlin, Dietz Verlag. [Trad. cast.: *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Trad. de Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007].
- Oliveira, Renato Almeida de. (2017) *Secularização e retorno do religioso: considerações a partir da teoria do estranhamento em Marx*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza (CE).
- Santos, Ivanaldo. (2008) «A crítica de Karl Marx à religião na obra a Questão Judaica» *Trilhas Filosóficas*, no. 1: pp. 43-54. doi: 10.25244/uf.

## Información sobre el autor/a/es

► **Antonia Juliete Pereira Pinto** Graduada em Filosofia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral – CE, Brasil. Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação. Sua pesquisa centra-se em Filosofia da Religião e Filosofia Política. **Contacto:** Filosofia/Centro de Filosofia Letras de Educação, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Avenida Padre Francisco Sadoc de Araújo, Alto de Brasília, Sobral, Ceará, Brasil. CEP: 62040370 – E-mail: julietepereira19@outlook.com – [iD https://orcid.org/0000-0002-4568-6355](https://orcid.org/0000-0002-4568-6355)

► **Jorge Luís de Oliveira Gomes** Graduado em Filosofia Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral – CE, Brasil. Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação. Sua pesquisa centra-se em Filosofia da Religião e Filosofia Política. **Contacto:** Filosofia/Centro de Filosofia Letras de Educação, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Avenida Padre Francisco Sadoc de Araújo, Alto de Brasília, Sobral, Ceará, Brasil. CEP: 62040370 – E-mail: jorgeoliveiragomes5@gmail.com – [iD https://orcid.org/0000-0002-3033-6037](https://orcid.org/0000-0002-3033-6037)

## Como citar este artículo

Pinto, Antonia Juliete Pereira; Gomes, Jorge Luís de Oliveira. (2021). «Marx e a religião: uma crítica moderna à realidade social». *Analysis* 29, no. x: pp. 11–19.